



Nome:

3ª SÉRIE / CURSO

TURMA:

DATA: ___ / ___ / 2018

COLETÂNEA DE
DOCUMENTOS

Professor: Rodrigo Oliveira

Disciplina: História

O "DESCOBRIMENTO" E O DESCONHECIDO

DOCUMENTO I: RELAÇÃO DO PILOTO ANÔNIMO

Capítulo I

Onde o Rei D. Manuel em pessoa entregou a bandeira real ao Capitão

No ano de 1500, mandou o Sereníssimo Rei de Portugal, chamado Dom Manuel de nome, uma sua armada de naus e navios às partes da Índia, na qual armada havia 12 naus e navios da qual armada era Capitão-mor Pedro Álvares Cabral, fidalgo. As quais naus e navios partiram e bem aparelhados e providos de todas as coisas necessárias para um ano e meio. Das quais 12 naus ordenou que 10 fossem a Calecute e as outras duas para a Arábia para irem a um lugar chamado Sofala porque queriam mercadejar naquele lugar, o qual lugar de Sofala acharam estar no caminho de Calecute. E assim as outras 10 naus levavam mercadorias que à dita viagem lhes fossem necessárias. E aos 8 do mês de marco no dito ano estavam prontos, e naquele dia, que era domingo, foram à distância de duas milhas desta cidade a um lugar chamado Restelo, onde está uma igreja chamada Santa Maria de Belém, no qual lugar o Sereníssimo Rei foi em pessoa entregar ao Capitão a Bandeira Real para a dita armada.

E na segunda-feira, que eram 9 dias de marco, partiu a dita armada, com bom tempo, para a sua viagem.

E no dia 14 do dito mês passou a dita armada pelas ilhas Canarias.

E no dia 22 passou pelas ilhas de Cabo Verde.

E no dia 23 separou-se uma nau da dita armada, de tal maneira que nunca mais se ouviu nada dela até hoje, nem se pode saber.

Capítulo II

Como correram as naus com tormenta

Aos 24 dias de abril, que foi quarta-feira da oitava da Páscoa, houve a dita armada vista de terra, de que teve grande prazer.

E chegaram à terra para verem que terra era, a qual acharam terra muito abundante em árvores e gentes, que por ali andavam, pela costa do mar, e lançaram ferro na foz dum rio pequeno. E depois de lançadas as ditas âncoras, o Capitão mandou deitar um batel ao mar pelo qual mandou ver que gentes eram aquelas, e acharam que eram gentes de cor parda, entre o branco e o preto, e bem dispostas, com cabelos compridos e andam nus como nasceram, sem vergonha alguma, e cada um deles levava o seu arco com flechas, como homens que estavam a defender o dito rio. Na dita armada não havia ninguém que compreendesse a sua língua. E visto isto, os do batel voltaram ao Capitão e neste instante fez-se noite, na qual noite houve grande tormenta.

E no dia seguinte pela manhã levantamos âncora e com grande tormenta andamos correndo a costa para o norte para ver se encontrávamos algum porto, onde a dita armada ficasse. O vento era sueste. Finalmente encontramos um porto onde lançamos âncora e onde encontramos daqueles indígenas que andavam nos seus barcos a pescar. E um dos nossos batéis foi até onde estes tais homens estavam e agarraram dois deles e levaram-nos ao Capitão para saber que gente era, e, como se disse, não se compreenderam, nem à fala nem por sinais. E naquela noite o Capitão reteve-os com ele.

No dia seguinte mandou vestir-lhes uma camisa e um vestido e pôr um barrete vermelho, do qual vestuário eles ficaram muito contentes e maravilhados das coisas que lhes mostraram. Depois mandou-os pôr em terra.

Capítulo III

Raiz de que fazem pão, e os seus outros costumes

Naquele mesmo dia que era a oitava da Páscoa, a 26 de abril, determinou o Capitão-mor ouvir missa, e mandou levantar um altar, e todos os da dita armada foram ouvir missa e sermão, onde se juntaram muitos daqueles homens bailando e cantando com as suas buzinas. E logo que foi dita a missa, todos se retiraram para as suas naus, e os homens da terra entraram pelo mar dentro até aos sovacos, cantando e divertindo-se. E depois, tendo o Capitão jantado, voltou à terra a gente da dita armada, para se distraírem e divertirem com os homens da terra. E começaram a tratar com os da armada, e davam dos seus arcos e flechas em troca de guisos, e folhas de papel e peças de pano. E todo aquele dia se divertiram com eles. E encontramos neste lugar um rio de água doce e à tarde tornamos para as naus. E ao outro dia determinou o Capitão-mor meter água e lenha, e todos os da dita armada foram à terra. E os homens daquele lugar vieram ajudar à dita lenha e água. E alguns dos nossos foram à terra donde estes homens são, que seria a três milhas da costa do mar e compraram papagaios e uma raiz chamada inhame, que é o seu pão que comem os árabes. Os da armada davam-lhes guisos e folhas de papel em troca das ditas coisas, no qual lugar estivemos cinco ou seis dias. De aspecto, esta gente são homens pardos, e andam nus sem vergonha e os seus cabelos são compridos. E têm a barba pelada. E as pálpebras dos olhos e por cima delas eram pintadas com figuras de cores brancas e pretas e azuis e vermelhas. Têm o lábio da boca, isto é, o de baixo, furado, e nos buracos metem um osso grande como um prego. E outros trazem uma pedra azul e verde e comprida dependurada dos ditos buracos. As mulheres andam do mesmo modo sem vergonha e são belas de corpo, os cabelos compridos. E as suas casas são de madeira coberta de folhas e de ramos de árvores com muitas colunas de madeira. No meio das ditas casas e das ditas colunas para a parede põem uma rede de algodão dependurada em que fica um homem e entre uma rede e outra fazem uma fogueira, de modo que numa só casa estão 40 ou 50 camas armadas à maneira de tear.

Capítulo IV

Papagaios na terra de novo descoberta

Nesta terra não vimos ferro e faltam-lhes outros metais. E cortam a madeira com pedras e têm muitas aves de muitas espécies, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais alguns grandes como galinhas e outras aves muito belas. E das penas das ditas aves fazem chapéus e barretes que usam. A terra é muito abundante em muitas árvores e muitas águas boas e inhames e algodão. Nestes lugares não vimos animal algum. A terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra firme. Julgamos que seja pela sua grandeza terra firme. E tem muito bom ar e estes homens têm redes e são grandes pescadores e pescam peixes de muitas espécies, entre os quais vimos um peixe que apanharam, que seria grande como uma pipa e mais comprido e redondo, e tinha a cabeça como um porco e os olhos pequenos e não tinha dentes e tinha orelhas compridas do tamanho dum braço, e da largura de meio braço. Por baixo do corpo tinha dois buracos, e a cauda era do comprimento dum braço e outro tanto de largura. E não tinha nenhum pé em sítio nenhum. Tinha pelos como o porco e a pele era grossa como um dedo e as suas carnes eram brancas e gordas como a de porco.

E nestes dias que estivemos, determinou o Capitão dar a saber ao nosso Sereníssimo Rei o achado desta terra e de deixar ali dois degredados e condenados à morte que tínhamos levado na dita armada para tal fim. E imediatamente o dito Capitão despachou um navio que levavam com eles com mantimentos além das 12 naus sobreditas. O qual navio levou as cartas ao Rei na qual se continha quanto tínhamos visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi a terra e mandou fazer uma cruz muito grande de madeira e mandou cravá-la no dito espaço e também, como se disse, deixou dois degredados no dito lugar, os quais começaram a chorar. Os homens daquela terra confortavam-nos e mostravam ter piedade deles.

Capítulo V

Uma tempestade tão grande que quatro naus se perderam

Ao outro dia, que foi o dia 2 de maio do dito ano, a armada fez-se de vela para a sua viagem para ir à volta do cabo da Boa Esperança, o qual caminho seria através do mar mais de 1.200 léguas, isto é, quatro milhas por légua e a 12 dias do dito mês, seguindo o nosso caminho, apareceu um cometa para as partes da Arábia, com uma cauda muito comprida, o qual apareceu de contínuo 8 ou 10 noites. E um domingo, que eram 24 dias do dito mês de maio, seguindo toda a armada junta com bom vento, com as velas a meia árvore sem moneta por causa de uma chuva que tivemos no dia anterior, e seguindo assim, veio um vento tão forte pela vante e tão repentino, que não o notamos senão quando as velas ficaram atravessadas nos mastros. Naquele instante se perderam quatro naus com toda a sua gente, sem podermos prestar-lhes socorro algum. As outras sete que escaparam, estiveram em perigo de perder-se. E assim tomamos o vento de popa com mastros e velas rotas, e à misericórdia de Deus andamos assim todo aquele dia. E o mar inchou de tal modo que parecia que subíamos ao céu. E o vento de repente descaiu, embora fosse ainda tão grande a tormenta, que não tínhamos desejo de dar velas ao vento. E navegando com esta tormenta sem velas, perdemos de vista uns e outros, de modo que a nau do Capitão com mais

duas seguiram outro caminho e outra nau chamada El-Rei, com mais duas, seguiram outro, e a outra por outro caminho. E assim passamos com esta tormenta 20 dias, sem dar uma vela ao vento. (...)*

*No original, a narrativa continua, relatando a viagem de Pedro Álvares Cabral até a Índia, e o seu retorno a Portugal.

DOCUMENTO II: AMÉRICA LATINA: QUINHENTOS ANOS ENTRE A RESISTÊNCIA E A REVOLUÇÃO¹

Héctor Hernan Bruit

LAS CASAS E A IMAGEM DERROTISTA DA AMÉRICA

“O prestígio do frade dominicano baseou-se muito mais nas acusações esgrimidas contra o conquistador espanhol, o que deu origem à famosa ‘lenda negra’, na defesa dos índios, pois sua obstinada prédica a favor da liberdade indígena não chegou a arranhar sua concepção colonialista.

[...]

É a imagem servil do índio, que depois será do latino-americano, é abdição, a resignação, a conformidade, é a ideia do ‘homem cordial’.

[...]

A fraqueza dos índios tem uma dimensão descomunal na interpretação lascasiana e é tão manifesta que os conquistadores se servem dela para manter os índios ‘ocupados em chorar e gemer suas calamidades’, de tal forma que ‘não tenham tempo nem coração para pensar na liberdade’.

[...]

A RESISTÊNCIA INDÍGENA

[...]

É que a resistência indígena não se esgotou nas guerras nem nas sublevações que assolaram a sociedade colonial. Ela vingou fugas, no trabalho lento, na abstinência e nos usos de anticoncepcionais por parte da índia; ela ultrapassou os eventos e os tempos, se fez mestiça, se transformou, com novos elementos, numa mentalidade e numa cultura que ainda estão por ser redescobertas.

[...]

¹ Trechos selecionados

A TESE DO SILÊNCIO

De fato, a destruição e o massacre foram, em primeiro lugar, produto de uma relação de guerra que se processa porque existem combatentes de um lado e do outro. O conquistador massacra não apenas porque esteja longe da lei, do Estado e do Rei, como quer Todorov, ela mata porque o índio opõe formas diversas de resistência que vão da militar até o silêncio [...]. Se o silêncio explica a derrota, também revela a resistência porque, desse modo, se negava o discurso do conquistador e não é surpreendente que essa atitude silenciosa seja até agora a marca mais evidente do índio. Talvez esse silêncio explique também a sobrevivência cultural e física do índio ao longo de quinhentos anos de violência.

[...]

Então a resistência se situava no lugar em que os conquistadores não podiam percebê-la com clareza, isto é, fora do campo militar.

[...]

AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA

[...]

‘Para os que concebem a História como uma disputa – escreve Galeano –, o atraso e a miséria da América Latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia.’

[...]

Talvez silenciamos a luta armada porque ela traz à tona esse imenso trauma da conquista, não superado ao nível de nossa consciência porque não queremos reconhecer nossa descendência de raças vencidas.

O INCONSCIENTE HISTÓRICO

[...]

Questionar a conquista como algo consumado é um primeiro passo, mas não o fato da conquista, senão o que ela implicou como dominação, como enclausuramento absoluto na história dos conquistadores, sejam os de antanho ou os de hoje.”

DOCUMENTO III: CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA – 1º DE MAIO DE 1500²

Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo;
Brasil – 1500: 40 documentos

“Aqui não darei conta a Vossa Alteza da marinhagem³ e sigaduras⁴ do caminho, porque não o saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, senhor, do que hei-de falar e digo:

[...]

E logo que ele (Nicolau Coelho, enviado à terra para investigar) começou a ir para lá, acudiram pela praia homens – quando dois, quando três –, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, estavam ali 18 ou 20 homens pardos, todos nus, sem nenhuma coisa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos.

[...]

A feição deles é serem pardos [à] maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estima cobrir nenhuma coisa, nem mostrar suas vergonhas: acerca disso, estão em tanta inocência como têm em mostrar o rosto. Ambos (índios encontrados) traziam furados os beiços de baixo, e metidos neles ossos, ossos brancos, da compridão de uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como furador; metem-nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque (torre) de xadrez, e de tal maneira o trazerem ali encaixado que não lhes dá paixão, nem lhes turva a fala, nem o comer, nem o beber.

Os seus cabelos são corredios. Andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e raspados até por cima das orelhas. Um deles trazia por baixo da solpa, de fonte a fonte, detrás, uma maneira de cabeleira de penas de ave amarela que seria da compridão de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço (nuca) e as orelhas, a qual andava pegada nos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como a cera – mas não o era –; de maneira que andava a cabeleira mui redonda e mui basta e mui igual, que não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

[...]

Os nativos entraram e não fizeram nenhuma menção de cortesia, nem de falar ao capitão, nem a ninguém. Porém, um deles pôs olho no colar do capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizia que havia ouro em terra. Também viu um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal [...].

Ali por então não houve mais fala nem entendimento com eles, por ser a barbaria deles tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém.

[...]

² Trechos selecionados para análise em sala de aula.

³ conhecimento do trabalho e das manobras náuticas.

⁴ medida da distância percorrida por uma embarcação.

Uma daquelas moças era toda tinta daquela tintura, de fundo acima, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa que muitas mulheres da nossa terra – vendo-lhes tais feições – faria vergonha, por não terem a sua como ela.

[...] e perguntou mais: se seria bom tomar aqui, por força, um par desses homens para os mandar a Vossa Alteza e deixar aqui, por eles, outros dois desses degredados. [...] não era necessário tomar por força homens [...].

[...]

Concluo ser gente tão bestial e de pouco saber; e por isso são assim esquivos.

[...]

Segundo eles diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação de casas – em que haveria nove ou dez casas – as quais, diziam, que eram tão compridas, cada uma como esta nau capitânea; e eram de madeira e das ilhargas de tábuas, cobertas de palha de razoada altura, todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; dentro tinham muitos esteios; e de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos em cada esteio, altas em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem, faziam fogos. Cada casa tinha duas portas pequenas, uma em um cabo, e outra no outro. Diziam que em cada casa se acolhiam 30 ou 40 pessoas, e que assim os acharam; e que lhes davam de comer daquela vianda que eles tinham, a saber, muito.

[...]

Parece-me gente de tal inocência que – se algum deles entendesse, e eles a nós – seriam logo cristãos, porque eles não tem nem entendem de nenhuma crença, segundo parece. [...] Logo Nosso Senhor deu-lhes bons corpos e bons rostos, como a bons homens; e Ele, que por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. Portanto, Vossa Alteza – que tanto deseja acrescentar na santa fé católica – deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assim.

[...]

Não pudemos saber até agora que nela (a terra) haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro, nem lho vimos. Porém, a terra em si é de muito bons ares, frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. E de tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém, o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente. Esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.”

DOCUMENTO IV: O ÍNDIO

“Vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida [...]. Mui desumanos e cruéis [...]. Mui desonestos e dados a sensualidade [...] como se neles não houvera razão de humanos.”

Pero de Magalhães Gandavo (1540 – 1582)

“ficar à mercê dos selvagens pagãos e carnicheiros do que à mercê da crueldade sanguinária dos cristãos portugueses.”

Anthony Knivet (1560 – 1649)

“são cães (os índios) em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem.”

Manuel de Nóbrega (1517 – 1570)

“comparava (jesuíta Vieira) a África ao inferno, onde o negro era escravo de corpo e de alma, o Brasil ao purgatório, onde o negro era liberto na alma pelo batismo, e a morte à entrada no céu.”

Eduardo Hoornaert ao citar o jesuíta Vieira.

DOCUMENTO V: “A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL”, VICTOR MEIRELLES (1860) – 268 X 356 CM – PINTURA HISTÓRICA

